

O COMMERCIO DE BARCELLOS

SEMANARIO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO.

ANNO II
Assignaturas
Trimestre 300 rs. Semestre 600 rs. Numero avulso 30 rs.
Redacção e Administração, Campo de S. José, Barcellos,
para onde toda a correspondencia deve ser dirigida franca de
porte.

DOMINGO, 25 D'AGOSTO

— DE 1891 —

Publicações
Anuncios, linha 30 rs. Repetições 20 rs. Corpo do jornal
40 rs. Os srs. assignantes gozam o abatimento de 25 1/2 An-
nunciam-se as publicações litterarias, de que se receba um
exemplar. N.º 77

SABBADO, 22

N'esta derrocada em que nos achamos resta-nos a consolação de pertencer ao numero dos que se não deixaram illudir.

Para nós o desengano veio logo no primeiro dia, em que vimos uma colligação hybrida de elementos heterogeneos, e que não podia, pelos antecedentes, exprimir o advento da nossa reabilitação financeira e moral.

Maus principios não podem produzir senão maus fins. E' uma regra de logica.

A nossa situação financeira vae de mal a peor; o que ella foi, e o que ella é, o que está sendo hoje, e que promete ser amanhã, todos o conhecem, todos o sentem, e todos o desconfiam com fundamentados motivos.

A respeito da questão moral nem n'isso fellemos. Fructos amaldiçoados d'uma arvore má.

Todos gritam contra o agio, contra a ganancia, contra o *contrabando do metal* em moeda, e todos gananciaem, e todos agiotam; e só não agiota, quem não tem com que, e não ganancia, quem não tem metal para tentar a ganancia. Esta é, que é, uma grandissima verdade.

Agiotam os bancos emissores; agiotam os grandes banqueiros, que estão sendo os reis d'este paiz; agiotam os pequenos cambistas, os negociantes por grosso, e os pequenos negociantes, tudo agiota, tudo ganancia, tudo conspira contra este estado decadente da patria!

Que lastima! Que deficit de moral, de patriotismo, e mesmo de religião, que é o vinculo sacrossanto, que une a nossa alma á alma da patria.

Estamos em uma derrocada; por um lado a *influenza* a roubar ao trabalho o maior numero de braços, que sustentam a actividade nacional; por outro lado a affluencia de papel a anemisar o *commercio*, a paralisar as industrias e a esterilizar a vida economica do paiz!

Vamos repetir mais uma vez o conhecido aforismo—*aqui anda roubo d'Igreja!*—Ande, que não ande; diga-nos, quem nos possa dizer,=o que é que tem feito este governo em favor das instituições e em favor da patria?

Vamos, não hajam embarços de lingua em que é que tem melhorado a nossa situação economica desde a ascensão ao poder d'este amalgamma estupendo, d'esta situação actual?

Já aqui o dissemos, e repetimol-o hoje, e, por ventura, com pesar, que, d'aqui a quatro ou cinco mezes, não veremos girar

entre nós um tostão em metal; teremos só papel, só notas, ás quaes o nosso povo chama farrapos, e das quaes desconfia tanto quanto se deve desconfiar da nossa situação economica.

Mas, vamos appellar para economistas mais abalizados e experimentados do que nós,—para onde vae o nosso dinheiro?

A casa da moeda já cunhou, e amoedou, essa prata fina, que tem vindo em porções grandes para o erario? E, se o não fez, qual a razão porque o não faz? E se já amoedada essa prata, aonde está esse dinheiro?

Ha aqui uma nota curiosa apenas os jornaes nos annunciam a chegada de notas de Hamburgo, para logo se vê o paiz coberto de notas, como a seara pejada com uma alluvião de gafalbotos, annunciada pouco antes, e apesar de se nos ter dito, que do estrangeiro vieram novas machinas de cunho para a casa da moeda, e que esta produz tantos ou quantos contos de reis por dia, nós estamos de cada vez mais desprovidos de metal, que parece encaminhar-se para um oceano sem fundo!

Vieram os celebres francos da republica franceza, especie de reclame, e que tem, por alguns dias, a cõr legitima da prata, e até essa moeda postiça, estrangeira, com cara de gente, sem ser gente, se retrai, se somme, e desaparece!!!

Então, senhores salvadores da patria, para onde guiam o chaveco, em que navega esta reliquia veneranda, que nos legaram aquelles portuguezes, d'immoredoira memoria, que são o orgulho da nossa historia e a alteza da nossa fidalguia, e á qual todos nós chamamos—a nossa querida patria?

Estamos entendidos. A patria d'eilles é a barriga, o patriotismo é o estomago e as instituições, que tanto presamos, são as notas e o agio!

Triste situação a nosso! Cruel desengano, que nos estão preparando!! Oxalá que nos enganemos. Deos o queira!

Escreve *A Soberania do Povo*, o seguinte:

Foi transferido mais uma vez o sr. dr. João Duarte Sereno, delegado do procurador regto na comarca d'Oliveira d'Azemeis. Aquelle intelligente magistrado era delegado em Agueda. A politica brutal e ignobil transferiu-o para a comarca da Povoação, nos Açores. D'aqui veio transferido para Beja, de Beja foi para Oliveira d'Azemeis, e agora volta para a Povoação.

E' um procedimento ind'coroso. Ou os magistrados servem honradamente os seus logares, e, n'esse caso, deve o governo respeitá-os no exercicio dos seus cargos, ou

não servem, e n'esse caso despeçam-n'os do serviço. Mas fazer um empregado publico joguete das pequenas rivalidades dos caciques locais, e andar com elles aos empurrões, é estúpido e é baixo. O sr. dr. João Sereno está superior a este rebaixamento que os governos fazem do seu merito e da sua dignidade, mas ha de protestar no intimo da sua consciencia contra a grande injustiça, que o faz uma victima da politica.

Aquelle cavalheiro esteve na comarca de Oliveira d'Azemeis, onde nunca se envolveu na vida dos partidos, fazendo justiça direita e imparcial. O ministro da justiça arrancou-o do seu logar e mandou-o para a comarca da Povoação, nos Açores. Provavelmente o sr. dr. Sereno diz ao ministro que vá elle para lá. E não diremos nós nada mais.

O BANCO DE PORTUGAL

O *Credito*, jornal de Lisboa, em seu 1.º n.º diz:

Publicamos n'outro logar a situação semanal d'este banco, á data de 29 de abril... Temos vergonha quasi de nos referirmos a tal data. Aqui está á nossa vista o balancete do Banco de França em 6 d'agosto corrente, e, amanhã, receberemos o que deve ter apparecido no dia 13; aqui estão tambem os do Banco d'Inglaterra, relativos ás mesmas epochas—e nós, que estamos em plena crise, ainda agora vamos em 29 d'abril.

Um banco que foi sempre considerado como garantia da fortuna publica, que tem nas suas mãos os interesses mais serios do paiz, enquanto os bancos estrangeiros, apesar das suas innumeraveis succursaes, poem o publico ao facto, com a maxima regularidade, da sua situação semanal, esse banco, diziamos, publica os seus balancetes com mais de tres mezes de demora, e assim nos faz esperar, durante todo este tempo, para sabermos se estamos, ou não, em vespas de ruina.

Senhores directores, senhores governadores, onde tendes a cabeça? Se sois incapazes de prestar algum serviço, porque vos não demittis de cargos para cujo preenchimento sois impotentes?

Ainda haverá d'esta terra alguém capaz de dirigir um banco.

Vejamos a vossa situação em 29 de abril ultimo, doze dias antes do decreto da moratoria, que determinou a suspensão de pagamentos em metal. Tinheis então em caixa,

em oiro. 2.187:588\$750

em prata. 1.751:363\$200

Se, quando se apresentou a crise, tivesséis cessado os pagamentos em oiro, e se esse oiro tivesse sido transformado em prata amoedada, produzindo

5.580 contos, terieis um capital disponivel de 8.280 contos, somma mais que sufficiente para assegurar o vosso movimento.

Mas, em vez d'isto, o que se fez? Tomaram-se medidas conservadoras quando já não era tempo de as tomar, e começou então para Lisboa esse espectáculo, verdadeiramente curioso, do troco das notas.

Os portadores de notas de oiro apresentam-se nos vossos guichets, e entre elles e os vossos empregados se estabeleco este dialogo:

—Pode trocar-me esta nota?

Resposta:—Não ha oiro.

—N'esse caso, dá-me prata?...

Resposta:—Não ha prata.

—Então, cobre?

Resposta:—Não ha cobre.

—E cedulas?

Resposta:—Não ha cedulas.

Em tal caso, recorre-se á ultima instancia, á Direcção. E ahí vereis o pobre diabo do industrial ou commerciante, por causa d'aquella nota de oiro, que já deixava trocar por cobre, por menos da vigesima parte do seu valor, indo ante os supremos distribuidores do favor publico a solicitar humildemente alguns trocos para pagar os vencimentos dos seus operarios, sofrer este interrogatorio de accusado:

—Quantos operarios tem?

—Vinte.

—Mulheres ou homens?

—?... Homens.

—E como se permite pedir troco de quarenta mil reis para vinte homens? E' verdadeiramente abusivo! Por muito favor, receberá troco de dez mil reis. Por muito favor!...

E continuamente assim, vae em tres mezes que esta direcção imprevidente, que possui uma officina de gravura e boas machinas de impressão, que tem á sua disposição as machinas da Casa da Moeda, que poderia requisitar as cincoenta machinas que existem em Lisboa, esta direcção, que podia em menos de tres dias imprimir mais de 700 mil contos de cedulas, impedindo a agiotagem desenfreada que se desenvolveu, esta direcção, ainda á hora a que escrevemos, distribue as cedulas por 20\$000 reis de cada vez, obrigando os cidadãos a perder horas e horas, encostados á porta, esperando que lhes chegue occasião de tomar logar na infinita fileira dos que vão buscar troco.

Directores do Banco de Portugal, fazei o que vos dizemos, pedi a vossa demissão... Olhai que a medida vae cheia, e a nossa paciencia não é bem como a do boi, porque tem limites...

SCIENCIAS E LETRAS

GRIPPE

Dá-se o nome de *grippe* a uma affecção catarrhal dos bronchios, que é modificada por uma influencia epidemica particular.

Os italianos chamam-lhe *influenza*, nome que exprime muito bem seu character epidemico e que foi accete na sciencia.

A *grippe* ou *influenza* desenvolve-se em todas as estações, sob todos os climas, em todas as temperaturas e em todas as condições atmosphericas possiveis.

Em geral, o começo da *influenza* é mais violento que o da bronchite ordinaria.

A lassidão é extrema e a cephalalgia intensa. Enrouquece a voz, a coryza é penosa e a affecção dos bronchios é dolorosa. A tosse é caprichosa e pertinaz; ao principio apresenta-se secca, mas depois é seguida de expulsão de escarros mucosos.

A febre, variavel segundo os casos, offerece crescimentos á tarde, sendo as noites agitadas e incommodas. Muitas vezes manifesta-se com complicações no aparelho digestivo.

No fim de alguns dias as melhoras accentuam-se, e a doença passa.

Na generalidade dos casos, termina favoravelmente; contudo, nas pessoas idosas ou enfraquecidas por outras doenças, e ainda nas recaídas, torna-se funesta.

Como tratamento, aconselha-se o repouso, a dieta, as bebidas doces, sinapismos e os narcoticos para acalmar as dores e procurar algum repouso; enfim, se ha indicação, recorre-se a outros medicamentos.

(TRADUZIDO DE AIME' MARTIM)

Todos os nossos primeiros movimentos são bons, generosos, heroicos; a reflexão os atenna e os perverte.

A alma falla primeiro, e a sua linguagem é a do amor e da virtude: a intelligencia raciocina, em seguida, e a seu raciocinio é sempre mais favoravel á materia que ao espirito.

Não vos admireis se os progressos da intelligencia forem muitas vezes inuteis á virtude. Nada é mais simples: é que a virtude tem uma outra fonte.

Nas regiões da intelligencia, tudo é individual; nas regiões da alma, tudo é sympathico: assim não vemos sair da intelligencia isolada senão o frio egoismo ou a triste personalidade, enquanto

que a alma cobre o mundo com as suas azas e não se sente viver senão no amor de Deus e da Humanidade.

J. Rigal.

—o—o—o—

UMA VISITA DE MEIA CERINONIA

(concluido do n.º antecedente)

Os pequenos vestem-se depois de jantar, porque ainda não tem cuidado em si, e vão aproveitando o alvoroço das pessoas crescidas para se irem á despenha sondar os mysterios d'uma ceira de figos e devassar o interior d'um queijo flamengo chegado n'aquella occasião.

A's cinco horas em ponto bate D. Violante á porta de D. Gabriella. As senhoras entram para a sala e esperam um momento, em quanto a familia engole apressadamente as ultimas peras da sobremesa. Uma tia velha amiga da sua commodidade, e que não se preparou para o ceremonial da visita, espreita as recém-chegadas pelo buraco d'uma fechadura, e diz para dentro em tom mysterioso:

—São os mesmos vestidinhos do anno passado, e os chapéus tambem me parece que levaram volta.

Na sala a mãe inclina a cabeça para o ouvido d'uma das meninas, e diz-lhe baixinho:

—A esteira parece nova.

—Não é, mamã; bem se conhece que foi lavada com gengibre.

—Não te lembras que a outra não tinha barra?

—E' verdade, é verdade; se é nova é bem ordinaria.

—Aquellas cortinas estão mesmo a suspirar pela barreira.

—E os castiões choram por branco de Hespanha.

—O espejo é que é novo e não parece mau.

Dois minutos depois entram na sala os de casa, e scintilla subitamente a alegria em todos os rostos; animam-se todos ao cruzar das primeiras exclamações.

—Muito bem apparecidas! Muito bem apparecidas! Pensei que se tivessem esquecido de nós. Ha um seculo!

—Não temos senão a pedir desculpa da nossa falta. Bem sei que estavamos em divida; mais de seis vezes temos resolvido cumprir o nosso dever, mas sempre apparece algum acontecimento que nos impede de sair.

—Soubemos hontem mesmo que a Therezinha esteve doente.

—A doença do costume.

—V. ex.ª sempre bem?

—Graças a Deus antes assim que peor.

—Pelos meninos não pergunto, estão gordos e crescidos...

—Cada vez mais endiabrados.

A conversação adeja em roda dos assumptos mais insignificantes que acertam cahir no meio d'aquella nora de palavras, e de quando em quando batem n'este mesmo ponto da longa ausencia.

—Nós diziamos «estarão mal conosco?»

—Mal porque, minha senhora?

—Eu sei! A's vezes com a melhor intenção dizemos coisas que desgostam...

—As meninas fallavam-me todos os dias de v. ex.ª. Esperavamos encontral-as em Cintra?

—Ha tres semanas.

—Muita concorrência...

—Tudo cheio; foi um milagre acharmos dois quartos no Victor para todos nós.

—Passada uma hora de conversação, as filhas de D. Gabriella mostram os seus ultimos chapéus ás meninas de D. Violante, e os pequenos na saleta, munidos de um prego retorcido, averiguam de que seja o miolo do sophá novo.

Ainda as Ave Marias não tem soado quando D. Violante annuncia a sua retirada por estas palavras:

—Vamos, meninas, que são horas.

—Já?!

—Hoje não nos podemos demorar.

—Que pena! Não passam um bocadinho da noite?

—E'-nos impossível, minha senhora.

—Qual impossível! Tirem os chapéus.

—Se podessemos, com muito gosto.

—Isto é que é perfeitamente visita de medico.

—Havemos de vir passar uma noite inteira.

—D'aqui a seis mezes, não é verdade?

—Não me accuse antes de tempo.

A' porta da escada apertam-se as mãos; sussurram os ultimos beijos da despedida; a conversação entala-se nos assumptosinhos do á ultima hora, como um vestido de cauda a prender-se nos pregos do sobrado. Parece que as duas familias vão ser indefinidamente separadas pelas aguas do oceano. A despedida euroscase; alastrase; cortase; aperta-se, até que as visitas descem o primeiro lance, e as senhoras de casa correm a abrir as vidraças.

As que se vão dizem na escada:

—Muito tolas se teem feito estas raparigas.

—Pois a mãe?

—Já tinha idade de ter juizo.

—Não descansou enquanto não nos disse que tinha ido a Cintra.

As que ficam dizem na janella:

—E a mamã a insistir para que ficassem.

—O que havia de fazer? Pois não tinha menos desejos de as ver pelas costas.

—Muito delambida está a Thereza.

—A Thereza! Faça favor de dizer a Therezinha.

—Com aquelle corpanzil! Parece já mãe de dezoito filhos.

Chegam á rua as visitas, dão meia duzia de passos, voltam-se, e acompanham a palavra de gesto.

—Adeus! Adeus! Adeus!

Da janella responderam-lhes com igual intimativa:

Mais meia duzia de passos e Therezinha diz na rua:

—Não repararam nos rodeios

da Gabriella para nos fallar do sofá novo?

—Se reparámos l'e o tal sofá parece uma canastra de fructa.

Na janella diz-se:

—Muito desastrada se vae fazendo a tal Mariquinhas.

—Anda aos bordos como os embarcadigos.

As de Violante voltam-se:

—Adeus! Adeus! Adeus!

As da janella respondem:

—Adeus! Adeus! Adeus!

D. Violante diz:

—Voltamos aqui a esta esquina para não estarmos aos adeuses até ao fim da rua.

D. Gabriella exclama:

—Que ventura! Vão pela travessa!

As de D. Violante voltam-se; debruçam-se as de D. Gabriella; é o termo da despedida.

—Adeus! Adeus! Adeus!

BARÃO DE ROUSSADO.

—o—o—o—

SAUDADE

Morrer!... Ai! quando as auras buliçosas Vem loucas oscular o hastil de flor, Quando as strellas do ceusão mais formosas... Horror!... Horror!...

Quando a vida começa e o ar s'agita P'ra dar ao corpo todo o seu vigor, Sentir uma existencia que crepita... Horror!... Horror!...

Vér cahir um e um todos os sonhos Acastellados poa um vivo amor Da eternidade em pelagos medouhos... Horror!... Horror!...

Nunca mais te poder dizer—creança Aqui tens este braço ao teu dispor:— Vér sanar-se p'ra sempre toda a esp'rança... Horror!... Horror!...

Nunca mais te beijar a fronte pura Que coloria um gentil rubor... Entregar-te p'ra sempre á sepultura... Horror!... Horror!...

Nunca mais de teus labios purpurinos Sentir o seu angelico frescor, N'uns alegres accordes argentinos... Horror!... Horror!...

Vér desfazer-se toda essa energia No meio d'atros, lancinantes ais... Para sempre ecoar ao fim do dia Nunca mais! Nunca mais!

Barcellos, 17-8-91.

M. L.

DIA A DIA

Fazem annos:

Hoje—a exm.ª sr.ª D. Branca Esther Sarmiento Velloso e o sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões.

Terça-feira—o sr. Fernando Antonio Vieira Ramos.

Quarta-feira—o sr. dr. José Maria de Queiroz Velloso.

Quinta-feira—a exm.ª sr. D. Maria José Pinho de Sousa.

Sexta-feira—os srs. visconde d'Alvellos e Barão do Vallado.

Sabbado—a exm.ª sr.ª D. Violante Albina Duarte Fiuza.

Tem estado n'esta villa com sua exm.ª familia o nosso estimado patricio sr. Manoel Guimarães, respeitavel commerciante da praça do Porto.

De visita a seus exm.ªs paes e irmãos, esteve n'esta villa o sr. Julio Candido Furtado d'Antas, digno escrivão de fazenda na Maelhada.

Tambem aqui esteve com breve demora o nosso patricio o sr. Cornelio Fogaça.

Partiram para a Apulia com suas exm.ªs familias os srs. Manoel Antonio Esteves, Manoel Luiz da Silva Falcão e dr. Antonio Martins de Sousa Lima; e para Vianna o sr. abbade João Gomes Gavinho d'Azevedo Vianna.

Retirou-se da Apulia para Braga com sua exm.ª familia, por cauza de graves incommodos que o accometteram n'aquella praia, o sr. dr. José Guilherme Pereira Barreiros, meretissimo juiz do Tribunal Administrativo d'este districto.

Passou aqui em direcção á Apulia, o nosso patricio o sr. Lourenço da Cunha Velho Sotto Maior, com sua exm.ª familia.

Estão em via de restabelecimento as exm.ªs sr.ªs D. Maria Clementina Pereira Chaves Marques, D. Anna Emilia Chaves Marques Carneiro e interessantes filhinhas, D. Maria, D. Thereza e D. Arminda da Cunha Velho Sotto Maior. D. Julia, D. Emilia Guimarães, D. Mariana Candida Marques da Costa Freitas d'Azevedo e suas filhas D. Maria e D. Christina; e os srs. dr. José Joaquim Duarte Paulino, dr. Manoel Nunes da Silva, Francisco Marques da Costa Freitas, João Antonio da Costa Guimarães, Guilherme Guimarães e o sr. Francisco d'Assis Marques d'Azevedo.

Continua melhorando o sr. Domingos José d'Araujo.

Enfermaram da influencia as exm.ªs sr.ªs D. Amelia Motta e filha D. Alice, D. Cornelia d'Antas, D. Georgina, D. Maria da Gloria e D. Izabel Monteiro, D. Maria Helena da Costa Azevedo, D. Maria do Carmo Vieira Ramos, D. Maria de Sousa Christina e filhinha, a exm.ª familia do sr. abbade de Rotiz, os srs. João Botelho da Silva Cardoso e exm.ª familia, Eduardo Pereira Coelho Lima, Antonio Casimiro Alves Monteiro e dr. Luiz Novaes.

Está doente com uma pneumonia o sr. Antonio Azevedo da Silveira.

LA' POR FORA

O novo rei do Congo, D. Alvaro, que veio ha tempo a Portugal com o sr. bispo de Moçambique, D. Antonio José de Sousa Barroso, então chefe da missão no Congo, foi proclamado por 90 principes sobas.

Reconheceu a soberania portugueza, declarando que era amigo dos portuguezes e que lhes devia favores.

Concorreu poderosamente para isso aquelle nosso presado amigo e benemerito patricio.

JOSÉ JULIO VIEIRA RAMOS
ADVOGADO

86—RUA DIREITA—86

PELA SEMANA

Expediente.—Por absoluta falta d'espaço ainda não publicamos hoje o artigo sobre liturgia, e o ácerca de Rio Covo.

Aos nossos collaboradores e amigos pedimos desculpa d'esta falta.

Annuncio.—Chamamos a attenção dos srs. agricultores para o annuncio—«Regimento d'infanteria n.º 20»—que publicamos na quarta pagina.

Industria.—Sobre o desenvolvimento da industria e do trabalho nacional diz o *Seculo*;

«Não se comprehende, realmente, a teimosia que temos tido em usar chapéus inglezes e allemães, em comprar meias e camisolas inglezas, vestidos e fatos francezes e gravatas francezas, quando tudo isso se fabrica em Portugal, e pôde fabricar-se tão bom e tão perfeito como no estrangeiro. A razão principal da decadencia da nossa industria e dos processos do nosso fabrico está em que, bom ou mau que seja o genero produzido, o publico insistia em não o comprar, sómente porque era portuguez!

Ponhamos todos de parte essa pernicioso tendencia, e voltemos as vistas para o paiz.

Se assim procedermos, em vez de cruzarmos os braços platonicamente, limitando-nos a lamentar a situação em que nos encontramos—é possível, e provavel mesmo, que nos proprios recursos do paiz, explorados com sciencia e consciencia, e, sobretudo, com uma inquebrantavel perseverança, encontraremos os meios de conjurar a crise, que é funcção de variadas causas, entrando assim francamente em uma senda para a qual seremos compellidos, levados como que á força, já que por *motu proprio* e pela consciencia dos nossos deveres não a trilhámos ha mais tempo.

Compenetrem-se todos, portanto, dos seus deveres, governados e governantes, e não será tão aterrador o futuro.»

Muito bem, Se todos pensassem como o *Seculo*, a este respeito, não iria para os estranhos o que podia ficar no paiz.

Desenganaram-se d'isso os que viram em 1888 a exposição portugueza, onde appareceram tecidos de primeira qualidade, e como taes classificados por pessoas competentissimas.

Candidatos a delegados do procurador regio.—Teve a classificação de 1 M. B. e 3 B., no seu concurso feito ultimamente em Lisboa, para delegado do procurador regio, o nosso patricio e muito presado amigo o sr. dr. José Julio Vieira Ramos.

Os srs. drs. Gaspar de Queiros Ribeiro d'Almeida e Vasconcellos, juiz municipal d'Espozende, e José Corrêa Carneiro, nosso patricio e actual sub-delegado em Villa do Conde, tiveram a classificação de 4 B.

A todos enviamos d'aqui os nossos parabens.

Cedulas.—O «Diaria Popular» diz que na casa da moeda se fornecem 80:000 cedulas por dia, que são muito bonitas, e que de terça-feira passada em diante são impressas em melhor papel, da *Companhia do Prado*.

Resulta de tudo isto:

—1.º que está salva a patria com 80:000 cedulas por dia.

—2.º que são muito bonitas, e isso basta para ser facil a sua circulação, por que Zé o que quer é bonitos...

—3.º que vão ser impressas em melhor papel, e por tanto ficarão *bonitissimas*, sendo no futuro difficil obter quem as ceda em troca de libras.

Conselheiro Lopo Vaz.—Regressou de Mondariz o sr. ministro do reino, conselheiro Lopo Vaz de Sampaio e Mello. A sua passagem não foi annunciada.

Fallecimentos.—Na idade de 11 annos finou-se a filha unica da exm.ª sr.ª D. Maria Rita de Macedo Carvalho, viuva, d'esta villa.

São dirigidos aquella os versos que publicamos na secção respectiva, devidos á penna do distincto medico e nosso presado amigo o sr. dr. Martins Lima, tio da finada.

Naquelle dolentes versos vae toda a expressão d'uma alma que abriga os mais sublimes sentimentos, em torno d'um culminante, que lhe domina toda uma existencia integra e honesta—o amor da familia.

E, realmente comprehende-se a dôr que causou a morte d'aquella creança em plena alvorada da vida, alvo de tanto affecto emanação de vivos encantos!...

Morrer!... Ah! quando as auras buliçosas Vem loucas oscilar o hastil da dôr, Quando as estrelas do seu são mais formosas... Horror!... Horror!...

—Falleceu tambem a esposa do sr. João Baptista e Mello, empregado no cartorio do sr. Alves Monteiro. No seu ataudê foram collocadas as seguintes corôas:

D'hera, myosotis e saudades, com a legenda seguinte:—*A minha Esposa. A nossa saudosa mãe.*—Seu marido e filhos.—De rosas chá e violetas, com a legenda:—*A minha irmã Anna.*—Abel.—De rosas chá e lilazes, com a legenda:—*A nossa prima.*—Saúde da familia Amaral.

—Finou se em casa do sr. José de Bissa e Meneses, na quinta da Granja, a exm.ª sr.ª D. Amelia Travassos, virtuosa esposa do sr. Moyses Travassos.

A extincta sr.ª em antes de morrer pediu os sacramentos, desejando para seu confessor um sacerdote illustrado. Para isso foi escolhido o nosso illustrado collega sr. abbadê de Roriz.

—Falleceu tambem nesta villa o sr. Manoel José de Freitas, sogro do sr. João Alves da Silva.

—Victima d'um lamentavel desastre finou-se em Santarem um filho do digno chefe da estação do caminho de ferro d'esta villa, sr. Guilherme Joaquim Nunes.

A todos os doridos a expressão sincera da nossa condolencia.

Graça regia.—A pedido da Real Irmandade de Nossa Senhora da Lapa da Povoia do Varzim, foi concedido á mesma para que os revd.ªs Capellães gozem de todos os privilegios insignias etc, de que gosam os Capellães da casa Real.

Incendio d'um vapor.—Na quinta-feira passada, á noite, rebentou um incendio no porão d'um vapor inglez que se achava ao sul da barra d'Espozende.

O commandante não accieito o soccorrio que os pescadores d'aquella villa lhe quizeram prestar. Consta ter-se salvado a tripulação.

Incendio.—Na ultima quarta feira manifestou-se incendio na casa do sr. José Antonio Machado, na rua do Bomfim.

Os prejuizos foram de pouco valor.

Ainda o Banco de Portugal.—Por ser muito extensa não transcrevemos aqui a ultima revista politica do «Comercio do Porto», jornal insuspeito para todos, visto que não está filiado em partido algum.

Essa primorosa revista é como um caustico sobre o Banco de Portugal, e sobre o governo a cuja sombra o colosso de papel faz tudo o que quer, emôra isso prejudique extraordinariamente todas as classes, e principalmente a operaria, que luta hoje com enormes difficuldades, e não sabemos se lutará amanhã com a fome.

—O decreto de 10 de julho, diz o citado jornal, não marcou praso para o CURSO LEGAL das notas, SEM REEMBOLSO Á VISTA pelo estabelecimento emissor, e autorisou a emissão (reputada ULTIMO EXTREMO) de notas de 1.000 e de 500 reis, representando prata, mas sem augmento da circulação do papel.

—A proposito, continua aquella folha, ainda não consta que destino se tem dado ás notas maiores já trocadas pelas novas dos ditos valores nacionaes de 1.000 e de 500 reis.

Terão sido inutilizadas? Serão queimadas em publico? Vamas a ver.

Essa revista devia ser lida por toda a gente, principalmente pelo governo e pela direcção do Banco de Portugal.

Sentimos não a tornar conhecida de nossos leitores, e não o fazemos por falta d'espaco.

Referindo-se á preferencia que todos dão aos metaes, accrescenta o referido jornal:

—A doença é conhecida, salta aos olhos; a cura é supprimit-a, habilitando-se o Banco emissor a cumprir as obrigações contrahidas para com a nação.

Estamos d'accordo, e já o dissemos no ultimo numero d'este jornal.

Habilite-se o Banco de Portugal, em praso razoavel, a trocar por metal as notas emitidas, pois que sem isso não terminará essa verdadeira calaridade, que tantas perdas tem causado.

O bem estar d'um estabelecimento, por mais importante que seja, não pode preferir-se ao bem estar d'uma nação inteira.

Já dissemos, no ultimo numero d'este jornal, que são importantes as sommas que podem ser levantadas pelo governo, a juro muito favoravel ao thesouro publico, mas isto é um beneficio microscopico em face do bem geral, que resultará da terminação d'isso qua para ali se decretou sem praso marcado.

Seria caso para rir, se não houvesse motivo para chorar, que se decretasse o credito d'um estabelecimento...

Não se illuda quem dirige o Banco de Portugal.

Quanto mais se forçar o curso das notas, maior será a repugnancia em as receber.

A contradaça que tem havido de governadores n'aquelle estabelecimento, dá-nos a entender que não estão todos d'accordo com tudo

o que se tem feito, e com o que porventura se projecta, e ainda bem que nem todos querem credito decretado.

Quando o Banco de Portugal acordar, e fazemos votos para que seja breve, ver-se-ha que temos rasão.

Habilite-se para trocar por metal, não as notas que circulam, porque nem todos tem medo do papel, nem todos querem os cofres cheios de prata e cobre; mas habilite-se para trocar, ao menos por esses metaes, (e já ganha em não trocar por ouro, como é obrigado) ao notas a quem tem medo, e a quem precisa de metal para pagamentos pequenos, para os operarios, para as classes menos favorecidas.

Em quanto não fizer isto... não sabemos o que será!

A paciencia tem limites, o povo já não pode com mais albarda.

Para se fazer desaparecer tanto metal, a prata que existia, a que se tem cunhado e a que tem sido importada, é preciso haver mão poderosa, e não falta quem creia na existencia de poder occulto para tão alto negocio.

Será assim?

O futuro o dirá!

O agiota.—Feio nome é este.

Nem elle proprio, o agiota, gostará de semelhante denominação.

O agiota, o que—compra e vende dinheiro—com grande uzura, é na actualidade o ente mais detestavel e mais detestado, principalmente pelas classes trabalhadoras, a quem esse usurario fere de perto, roubando-lhes o pão dos filhos.

A lei e a brandura dos nossos costumes tem tolerado esses negocios, mas a tolerancia tem limites.

Faz mal, muito mal, quem só pensa nos ganhos do mais prejudicial de todos os negocios.

O anverso d'essa medalha para elle... é o lucro, mas na medalha tambem ha o reverso...

Prohibição.—O governo mandou intimar, e como se dizia, os individuos e associações que tinham emitido cedulas e titulos pagaveis á vista e ao portador, para fazerem cessar essas emissões e recolherem todos os titulos emitidos, no praso de 8 dias,—e concedeu á camara municipal do Porto o praso de 2 mezes para retirar da circulação as suas cedulas.

Fica, pois, tambem sem effeito a resolução da commissão executiva da camara municipal d'este concelho, sobre a emissão de cedulas.

Em vista d'isto—o que será que o governo quer?

Nem manda o Banco de Portugal emitir cedulas de 50, 100 e 200 reis, nem consente que os particulares ou associações o façam!

Pensou que n'essas emissões seria prejudicado o colosso de papel!

E enganou-se, visto que as cedulas de preços inferiores ás notas do Banco de Portugal, auxiliariam a passagem d'estas.

O povo havia d'acostumar-se ao papel local, de firmas mais conhecidas, e d'este modo iria recebendo sem tanta repugnancia as notas do Banco de Portugal.

o governo não quer isto, e ninguém sabe o que elle quer.

Vamos a ver em que para toda essa choldra.

Agricultura.—Os poderes publicos pensam tanto em auxiliar a agricultura, como em reduzir as despesas, sempre crescentes, com que n'um futuro proximo não poderão.

A mania de fazer obras sem ter dinheiro, e de crear nichos para os mais façanhudos galopins, chega a causar nojo a quem paga impostos, e até a quem é estranho á politica.

Muitas camaras municipaes, que só pensam na sua reeleição, se porventura tivessem qualquer respeito pelos municipes, e pelo dinheiro d'estes, coadjuvariam a agricultura, que definha aos olhos de todos, e facilmente o podiam fazer, promovendo o aperfeicoamento das raças, principalmente as dos gados bovino e suino, que, sem questão, constituem uma das maiores riquezas do paiz.

Subsidium os postos de cobrição existentes, com as condições indicadas pelos peritos, e terão prestado um grande serviço publico.

Façam acquisição de boas sementes de grainha, e de collecções de bachelos, escolhidos em regiões não phloxeradas,—espalhem tudo isso pelos proprietarios, que tenham terrenos de diversas qualidades, para se fazer a experiencia, e n'um futuro proximo verão coroados do melhor exito os seus pequenos esforços.

Lembramos de preferencia o aperfeicoamento das raças bovina e suina, e a reforma das vinhas, por serem dois elementos de riqueza publica, que todos conhecem.

Feito isto, o povo, que é rotineiro, vende as grandes vantagens que necessariamente darão essas experiencias, já irá mais facilmente ao que por ora lhe parece de menos utilidade, e sobre tudo sem receio de que seja uma rede para o fisco melhor poder avaliar as fontes de riqueza, como tantas vezes tem succedido.

O contribuinte está tão acostumado a ser illudido, que receia de tudo e de todos, e é por isso que nos parece dever preferir-se o que lhe aproveita desde logo, e sem o perigo de qualquer opposição que porventura lhe lembre fazer.

As raças podem ser aperfeicoadas, sem que o povo perceba isso,—outro tanto pode dar-se com as sementeiras de grainha e com as plantações dos bachelos.

Influenza.—Continuam atacadas d'influenza muitas pessoas d'esta villa e do concelho.

Por informaçao dos nossos illustres clinicos pode affirmar-se que tres quartas partes da população, tem sido visitadas pela epidemia.

Felizmente poucas tem fallecido.

Confraria de N. S. das Neves de Barcelinhos.—Devem reunir hoje, pelas 10 horas da manhã, os irmãos da confraria de N. Senhora das Neves, de Barcelinhos, para se proceder á eleição da mesa d'essa confraria. Vae annuncio.

do Senhor se dispersaram como um bando de verdadeiras pombas quando o milhaire apparece nos ares, Magdalena fôra arrastada por tres ou quatro dos assaltantes para o lado de uma das capellas. Debalde ella atroava os ares com o seus gritos; a presa era tão bella que nenhum dos francezes se sentia disposto a abandonal-a, mas os brados da pobre menina attiraram um moço official, que de certo não entrara na igreja para resar, mas que em todo o caso quiz proteger a gentil freirinha.

—Larguem a rapariga, disse elle para os soldados com aspecto se vero; é digno de francezes violentarem uma mulher? (continua)

A' ultima hora.—Consta que o sr. ministro da fazenda espera regularisar a situação monetaria até ao fim do anno, por lhe parecer que para isso chegará a prata que está a cunhar-se na casa da moeda.

Cambio.—O cambio do Brazil sobre Londres conserva-se a 15.

Inscrições.—Venderam-se ultimamente a 49,70.

Festividade e romagem.—Foi no domingo ultimo a festividade e romagem de N. Senhora da Franqueira, erecta na capella situada no monte d'este nome.

Concorreu, como sempre, muita gente.

Exames em outubro.—Os requerimentos para exames no mez d'outubro proximo, e matriculas nos lyceos para o anno de 1891 a 1892, serão apresentados desde 5 a 15 de setembro.

Sarau no Gerez.—Houve um sarau litterario no Gerez, em honra dos srs. bispos de Moçambique e de Cochim.

Aquelle nosso patricio e prestimoso amigo fêz uma conferencia sobre assumptos coloniaes.

Inundação na Ilha Terceira.—No mez passado houve na Ilha Terceira uma grande inundação, que causou enormes estragos.

Promovem-se subscrições a favor dos que soffreram prejuizos.

MISSA DO 7.º DIA

O marido, paes, filhos, irmãos e cunhados da fallecida D. Anna da Graça Fiuza de Mello, pedem a todas as pessoas de suas relações e amisade, a fineza de assistirem a uma missa que por sua alma se ha de celebrar amanhã, 24 do corrente, pelas 8 horas da manhã, na igreja da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, pelo que desde já muito ficam reconhecidos.

Barcellos, 23 d'agosto de 1891.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

Manoel Pereira Lima d'Aborim, agradece penhorado a todas as pessoas que o procuraram ou mandaram saber da sua saúde durante a sua ultima enfermidade, especialisando d'um modo particular o distincto clinico sr. dr. Gregorio da Fonseca, pelo desvelo e pericia com que o tratou.

A todos o seu profundo reconhecimento.

Barcellos, 12-8-91. (137)

FOLHETIM

M. PINHEIRO CHAGAS

OS GUERRILHEIROS DA MORTE

XII

Uma opera de Marcos Portugal

(CONTINUADO DO N.º 75)

—C'est pour apprendre à ces pekins-là les usages militaires, disse a sentinella tornando a carregar tranquillamente a espingarda.

As patrulhas tinham ouvido os tres Qui vive? da sentinella, não podiam portanto sentí descom-

pôr em bom portuguez, o sanguinario soldado, que desahafava em homens desarmados a raiva da capitulação. Todo o vocabulario de injurias da lingua portugueza, que é abundante, como se pôde ver nas polemicas da imprensa illustrada, foi despejado pelos cavalheiros da patrulha contra a sentinella que não lhes respondia palavra.

Depois d'isso transportaram Jayme para uma casa proxima, e foram chamar um medico. O medico veio e declarou que Jayme não estava muito, mas que pouco lhe faltava, declaração que fez com que tornasse a correr dos labios dos soldados da policia uma torrente

de injurias contra os soldados da Junot.

Tinham razão; esse facto demais amais não fôra o unico. Os soldados francezes tinham fuzilado sem piedade quem se approximava dos seus acampamentos. Era com essas amabilidades que elles se despediam d'esta desgraçada terra, onde, verdadeiros condottieri, não tinham feito senão deshonrar o nome da sua patria.

XIII

O peccado de Magdalena

Apezar de inverosimil, era verdadeiro o que Jayme por um momento suppozera. Esse vulto fe-

minino, que seguira desde o theatro de S. Carlos até ao acampamento dos francezes no Terreiro do Paço, era effectivamente o vulto de Magdalena, de Magdalena que não morrera, de Magdalena que passara, por uma estranha aventura, da gelida atmosphera do convento ao tepido ambiente de uma sala de opera, que trocara a ostentação pela seda, a prece resmoneada entre velhas pelo prazer e a companhia de um moço elegante, que lograra emfim o que sempre tanto desejara, mas á custa do peccado.

Jayme fôra bem informado pela freira que interrogara em Evora. Quando os soldados francezes entraram na igreja e que as pombas

do Senhor se dispersaram como um bando de verdadeiras pombas quando o milhaire apparece nos ares, Magdalena fôra arrastada por tres ou quatro dos assaltantes para o lado de uma das capellas. Debalde ella atroava os ares com o seus gritos; a presa era tão bella que nenhum dos francezes se sentia disposto a abandonal-a, mas os brados da pobre menina attiraram um moço official, que de certo não entrara na igreja para resar, mas que em todo o caso quiz proteger a gentil freirinha.

—Larguem a rapariga, disse elle para os soldados com aspecto se vero; é digno de francezes violentarem uma mulher? (continua)

ALUGA-SE

Na rua Direita d'esta villa, uma casa em magnificas condições para commercio, ou ainda para particulares.

Fallar com o dr. Antonio Martins de Sousa Lima. (129)

EDITAL

A mesa da confraria de Nossa Senhora das Neves, da freguezia de Barcelinhos:

Convida todos os irmãos da mesma confraria para comparecerem na secretaria da dita confraria no dia 23 do corrente pelas 10 da manhã, a fim de proceder á eleição da mesa gerente para o anno economico de 1891 a 1892 como determina o respectivo estatuto; advertindo, porém, que se não comparecerem n'esse dia irmãos em numero sufficiente para se constituir a assemblea geral, fica esta adiada para o domingo immediato, pela mesma hora constituindo-se com o numero que apparecerem.

Barcelinhos, 21 d'agosto de 1891.

O Juz.

João Baptista Maciel. (141)

REGIMENTO D'INFANTERIA N.º 20 2.º BATALHÃO

O conselho eventual do referido batalhão faz publico, que no dia 5 de setembro proximo, pelas 11 horas da manhã, se procederá no respectivo aquartellamento, á arrematação em hasta publica, dos residuos das sentinas do mesmo quartel pelo periodo de um anno, a começar no primeiro do referido mez, até 31 d'agosto de 1892.

Os concorrentes a esta arrematação, apresentarão as suas propostas em carta fechada, sendo por elles assignados, e pelos seus fiadores idoneos, declarando sujeitarem-se a todas as disposições do respectivo contracto, as quaes, desde já se acham patentes na secretaria d'este batalhão, desde as 9 horas da manhã ás 2 da tarde.

Para ser admittido á licitação, é indispensavel ter depositado no cofre d'este conselho eventual, antes da abertura da praça, a quantia de 10\$000 reis deposito este, que depois da approvação do contracto definitivo, será transferido para a delegação da Caixa Geral dos Depósitos, nos termos das disposições em vigor, restituindo-se os demais depósitos provisórios, terminada que seja a licitação.

Quartel em barcellos, 21 d'agosto de 1891.

O secretario do conselho eventual.

Antonio Emilio de Quadros Flores. (142)

Capitão d'infanteria n.º 20.

MANTEIGA DE PURO LEITE FABRICADA EM PAREDES DE COURA

Vende-se UNICAMENTE no estabelecimento de mercearia do sr. Sebastião d'Oliveira—Campo da Feira. (135)

SILVA ESTEVES

A JUSTIÇA DOS TRIBUNAES O que são PROCURADORES—ADVOGADOS E JUIZES

Um volume de 100 paginas a saber brevemente.

BREVE NOTICIA

SOBRE

a cultura da beterraba e seu aproveitamento no fabrico de assucar. por J. Torres. Preço 50 reis.

A' venda em Barcellos, em casa do sr. Manoel Vianna, rua Direita.

VICTOR HUGO

HISTORIA DE UM CRIME

(TRADUÇÃO D'UM EMIGRADO POLITICO)

Está em distribuição o 2.º fasciculo d'esta magnifica obra historica, illustrada com excellentes gravuras de pagina, edição luxuosa.

No Porto e Lisboa, distribuir-se-ha nos dias 1, 10 e 20 de cada mez, com irreprehensivel regularidade, um fasciculo de 48 paginas, ou 40 e uma bellissima gravura, pelo modico preço de 100 reis cada fasciculo, pago no acto da entrega.

Nas demais terras do reino as pessoas que desejarem assignar deverão remetter adiantadamente a importância de um ou mais fasciculos, em estampilhas, vales do correio, ou ordens de facil cobrança.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Joaquim Ignacio Saraiva, rua do Bomjardim, 272, Porto, onde se recebem assignaturas.

PASQUINADAS

(Jornal d'um vagabundo)

FILHJO D'ALMEIDA

Preço 600 reis.

Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos e Sobrinho, editores, rua de St.º Ildelfonso, 12—Porto.

A TODAS AS SENHORAS DO PAIZ

NOVO METHODO DE CÔRTE

E maneira de qualquer senhora confeccionar por suas próprias mãos todos os seus vestuarios.

244 gravuras illucidativas sobre medidas, cõrte, etc.

Obra indispensavel em todas as familias.

Appello aos chefes de familia. Economia domestica e moralidade pelo trabalho.

Um bello volume, illestrado, 700 reis.

Remette-se para todos os pontos do paiz, mediante vale do correio, ou sellos postaes.

Livraria Portuense de Lopes e C.ª editores.—Rua do Almada 119 a 123—Porto.

Vende-se em todas as livrarias do paiz.

Em Barcellos, no estabelecimento do sr. Joaquim José d'Azevedo, Campo da Feira, 93.

MAPPA DE PORTUGAL

Com a rede completa dos CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES, pelo Capitão d'estado maior de artilheria

ALBERTO MONTEIRO

engenheiro em serviço no Ministerio das Obras Publicas. Contendo tambem a extensão kilometrica de cada linha quer em exploração quer em construção.

1 folha de 0,86m x 0,65m na escala de 1/550:000 200 reis, cavernisado, collado em panno e com reguas

1:000 REIS

CORTADO COLLADO EM PANN0 em forma de carteira em um estojo de cartão 1:000 reis.

O MESMO MAPPA circundado com 22 vistas, em phototypia, de Lisboa, Belem, Cintra, Mafra, Batalha, Alcobaca, Thomar, Coimbra, Bussaco, Porto e Braga e as bandeiras de todos os paizes.

1 folha de 1,70m x 0,90m=40 reis.

ENVERNISADO COLLADO EM PANN0 e com reguas

1:500 REIS.

O mappa com as vistas só pode ser remetido pelo caminho de ferro accrescendo a despeza de 160 reis para as linhas do Norte e Leste, e Sul e Sueste, e de 220 reis para todas as outras.

A' venda em todas as livrarias do paiz e na casa editora

GUILLARD, AILLAUD & C.ª

242, Rua Aurea, 1.º, Lisboa.

E' nosso correspondente n'esta villa o sr. Antonio José Alves do Valle—Campo de S. José.

COLLEGIO

JOÃO DE DEUS

DIRECTOR E PROPRIETARIO

MANOEL JOSÉ NUNES PEREIRA

DIRECTOR ESPIRITUAL

PADRE JOÃO FERNANDES

Admittem-se n'este Collegio alumnos internos, semi-internos externos, habilitando-se para os cursos geral de sciencias e lettras.

CORPO DOCENTE

Instrucção primaria e Francez Physica e chimica (1.ª parte)
Manuel José Nunes Pereira Antonio Gonçalves da Cruz

Portuguez (1.ª parte) Mathematica (2.ª parte)
Placido E. Barbosa Lamella Dr. Gregorio P. C. da Fonseca

Inglez Physica (2.ª parte)
Dr. A. Martins de Souza Lima Dr. A. Miguel d'Almeida Ferraz

Geographia e litteratura Philosophia e latim
Manoel José Martins dos Santos Silva Esteves

Mathematica (1.ª parte) Desenho (curso nocturno)
A. Almeida Azevedo João Chrisostomo

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

DE

Eduardo da Costa Santos, e Sobrinho—Editores.
4, rua de St.º Ildelfonso, 12—PORTO.

ABEL BOTELHO

PATHOLOGIA SOCIAL

I

O BARÃO DE LAVOS

A fanchonice—Abi está o assumpto d'este estudo devido á penna de Abel Botelho ou Abel Acacio, que tudo é um. Todos sabem que, quando se cita algum caso de pederastia desbragada, a indignação com que se acolhe a narrativa esbate-se quasi n'uma indiferença sorridente. E isso provem d'esse vicio repugnante estar profundamente inveterado na sociedade portugueza, como uma nojenta herpes incuravel, que porreja á superficie. N'este romance faz o auctor a pathogenese d'essa molestia n'um exemplar saliente—o Barão de Lavos,—com toda a acuidade e brilhantismo que lhe é peculiar. Desnecessario é ver muito longe para agourar a este trabalho—novo no seu genero—um successo collossal.

NOSSA SENHORA DE PARIS

Romance historico, de Victor Hugo, traducção de João Pinheiro Chagas. Nossa Senhora de Paris, resurreição viva da idade medi, é uma obra de cunho e um dos mais formosos titulos litterarios do seu auctor.

Um grande volume em brochura 2\$400 reis; o mesmo, ricamente encadernado em luxuosas capas de percalina, de diferentes côres mandadas fazer expressamente na Allemanha 3\$400 reis; e, se alem de encadernado, tiver as folhas douradas, custa 2\$700 reis.

OS MYSTERIOS DO PORTO

POR

GERVASIO LOBATO

Romance de grande sensação, desenhos de Manoel de Macedo, reproduções phototypicas de Peixoto e Irmão.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Em Lisboa e Porto distribue-se semanalmente um fasciculo de 48 paginas, ou 40 com uma phototypia, custando cada fasciculo a modica quantia de 60 reis, pagos no acto da entrega.

Para as provincias a expedição será feita quinzenalmente, com a maxima regularidade, aos fasciculos de 38 paginas e uma phototypia, CUSTANDO CADA FASCICULO 120 RS FRANCO DE PORTE.

Para fóra de Lisboa ou Porto não se envia fasciculo algum sem que previamente se tenha recebido o seu importe, que poderá ser enviado em estampilhas, vales de correio ou ordens de facil cobrança, e nunca em sellos forenses.

As pessoas que, para economisar portes do correio, enviarem de cada vez a importancia de cinco ou mais fasciculos, receberão na volta do correio aviso de recepção ficando por este modo certas de que não houve extravio.

TITULOS DE ALGUNS CAPITULOS

Um fogo d'artificio no Palacio de Crystal—O crime do medico—Mortes mysteriosas—O cofre da morte—O doutor Epidemia—Os segredos da raiva—A amante phantastica—O mal da sciencia—Rimes sobre crimes—O cumplice vingador—A historia do crime—Gabriel e Lusbel—Um novo milagre de Santo Antonio—Como o diabo paga a quem o desanra—Rapto—A hospeda do quarto n.º 17—A policia ás aranhas—Um D. Juan de novo sexo—N.º Barredo—O sexto mandamento—Proesas dos mandamentarios—O assassinio da viella do Pastelleiro—Como a mentira se caça a verdade—Os crimes do Martinho—Crime de estupro—Casar ou costa d'Africa—Um achado da Resa Bebada—O cadaver mutilado—Ciumes de preto—O braço de ferro—Um assassinio á margem do codigo—Uma tragedia por detraz do cemiterio do repouso, etc.

Toda a correspondencia relativa aos MYSTERIOS DO PORTO, deve ser dirigida franco de porte, ao gerente da Empresa Litterarta e Typographica, 178, rua de D. Pedro, 184—Porto.

Accitam-se correspondentes, que deem boas referencias em todas as terras da provincia.

BIBLIOTHECA ELEGANTE

Esta colleção das obras dos mais laureados romancistas estrangeiros é sem duvida uma das publicações de maior apreço para uma e stante escolhida.

A BIBLIOTHECA ELEGANTE, quer litterariamente, quer typographicamente considerada, não desmente o titulo. Elegantes são as traducções e as edições.

Nem podia ser de outro modo, desde que se destina principalmente ás damas; e que a direcção da publicação está confiada á nossa collega, a distincta escriptora a sr.ª D. Guiomar Torresão.

Lançada a publico o outro dia, esta publicação conta já um grande numero de assignaturas, e o successo de livraria, do primeiro volume, foi um risonho prognostico do seu exito.

Appareceu já o segundo volume; Henriqueta, de Coppé, contendo além d'este romance, umas encantadoras bluettes: A Omeleta de Drag; A Creança, de Maupassant; Morta Sandomil, de Callette; Eterno amor, de Jeanne Wilda; Aline, de Paulo Burget.

Henriqueta, é verdadeiramente um perfumado idyllo. A Creança é o conto de que Maupassant extrahiou o seu drama Muzotte, o grande successo do Gymnasio de Paris.

D'este segundo volume, é tambem traductora a sr.ª Torresão. Assigna-se para a BIBLIOTHECA ELEGANTE dos escriptorios da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão 50 a 54. Lisboa.

TYPOGRAPHIA DO «COMMERCIO DE BARCELLOS»
CAMPO DE S. JOSÉ,—BARCELLOS.

E' seu editor o sr. Joaquim Maciel, de Roriz.